

Introdução

Karina Janz Woitowicz

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

WOITOWICZ, KJ. Introdução. In: *Imagem contestada: a guerra do contestado pela escrita do diário da tarde (1912-1916)* [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015, pp. 17-22. ISBN 978-85-7798-212-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Introdução

*“A utopia está no horizonte.
Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.
Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.
Por mais que eu caminhe jamais alcançarei.
Para que serve a utopia?
Serve para isso: para caminhar.”*
(Eduardo Galeano)

Se a história fosse contada do ponto de vista dos vencidos, o dia 22 de outubro poderia até ser uma data cívica brasileira. Mas não é. Neste dia, em 1912, morria José Maria, símbolo da chamada Guerra do Contestado. Perpetuado como líder de um número incontável de sertanejos – fanáticos ou idealistas? –, o personagem, assim como o movimento de resistência que originou, ocuparam até agora um lugar pouco concorrido na historiografia nacional, embora seja inegável sua importância como um dos mais expressivos movimentos sociais do século XX. O Contestado foi uma importante iniciativa popular de caráter religioso, associada à reivindicação do direito à terra.

Em quase cem anos de construção histórica, a Guerra do Contestado – conflito social, político e messiânico que marcou a história dos estados do Paraná e de Santa Catarina no período de 1912 a 1916, conhecido como o primeiro movimento armado pela posse de terra – já apareceu das mais variadas formas e ângulos: movimento messiânico, campanha militar, levante monarquista, conflito social dos trabalhadores, disputa política entre os dois estados em questão, luta pela terra e contra o capital estrangeiro, só para listar as principais. Mas o movimento foi provocado por diversos fatores, envolvendo cerca de 20 mil sertanejos. Uma luta polarizada entre universos e pretensões completamente diferentes, que se chocam e são, ainda hoje, incompreendidos.

Importante lembrar que nos manuais e livros didáticos mais divulgados de História do Brasil o movimento sertanejo aparece em breves referências, quase sempre distorcidas. Nas palavras de Eric Hobsbawn, palavras, lutas e conquistas são reduzidas a “notas de rodapé”, como costuma acontecer com os movimentos sociais que, em determinado momento da história, ousaram apresentar resistência a ideias e estruturas sociais já consolidadas. Percebe-se, desse modo, que as deficiências de informação – (re)produzidas em jornais, obras e registros históricos que trataram os conflitos – foram, em boa medida, responsáveis pela instauração de expressões de cunho ideológico como “fanatismo” e “banditismo”, tornando-se características dos movimentos sociais do campo. A Guerra do Contestado é um acontecimento que registrou esse impasse, gerou dúvidas, mas na maioria das vezes é lembrada como feito heróico-militar que tentou educar pobres e miseráveis camponeses que se deixavam levar por promessas de loucos e aventureiros embebidos pelo fanatismo místico-religioso. O Contestado, porém, foi muito mais do que isso...

Conhecendo um pouco de sua história, torna-se inevitável a percepção do descaso atribuído ao conflito sertanejo na história contemporânea, ao mesmo tempo em que se insinua a necessidade de lançar o olhar sobre este evento, buscando nuances de sentido capazes de revelar algumas pistas sobre o modo como os fatos foram produzidos e entraram para a História.

Este estudo vem mostrar que é possível recuperar a construção histórica e social do Contestado, aproximando-nos de um “testemunho” que sobreviveu ao tempo e dele extraindo fatos, tensões e angulações. Trata-se de uma análise que parte dos processos midiáticos e a eles retorna, a fim de observar a presença e a atuação do jornal *Diário da Tarde*, o mais importante do Paraná no início do século XX, na construção dos acontecimentos.

O assunto, ao contrário do que possa parecer à primeira vista, não é discutido nesta obra por um viés histórico, que consistiria na confirmação (ou, talvez, contestação) dos marcos principais do conflito, com atores, datas e principais batalhas. O livro – resultado de uma pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos/RS), sob a orientação do professor Dr. José Luiz Braga, defendida em 2002 – está centrado no estudo dos discursos midiáticos que produziram o Contestado articulando vozes, opiniões e acontecimentos no principal jornal paranaense das primeiras décadas do século XX.

Introdução

Este tema pode, a princípio, soar como um tipo de revisionismo da história e, por isso mesmo, parecer pouco pertinente para discutir os processos comunicacionais, cem anos depois do ocorrido. No entanto, entendemos que a análise da imprensa é capaz de revelar muito mais do que a “tradução” dos acontecimentos de um tempo – que pode ser de horas, dias ou dezenas de anos –, possibilitando compreender, no trabalho simbólico realizado cotidianamente pela mídia, as relações entre as práticas de linguagem e as práticas históricas, ou, em outros termos, o processo de construção dos acontecimentos pelo “dizer” jornalístico.

Diante da dificuldade de achar a medida certa entre o histórico e o jornalístico, em uma pesquisa que compreende a cobertura da imprensa sobre um fato histórico, partiu-se de perguntas próprias ao campo midiático para chegar às especificidades do tratamento do conflito sertanejo pelo *Diário da Tarde*: enquanto o movimento social se originava e fortalecia, quais são as vozes presentes nos jornais? O que diziam e como tratavam o conflito do Contestado? São questões como essas que orientaram a análise de exemplares do principal diário existente à época na capital paranaense, com o intuito de perceber marcas, indícios e detalhes que fizeram o Contestado do jeito que ele entrou para a história.

O interesse que norteia todo o estudo parte da compreensão do jornalismo como produtor de discursos sociais. Como tal, ele é capaz de construir cotidianamente a história – estabelecendo a mediação entre falas, tendências de pensamento e questões contextuais, registrando os fatos e emitindo sua própria voz. Uma percepção quase simplista que, ao nortear a observação da narrativa dos fatos pela imprensa, foi ganhando complexidade e se desdobrando entre temáticas, observações e impressões referentes ao tratamento jornalístico da Guerra do Contestado.

O intuito desta pesquisa foi, unicamente, deixar transparecer a dimensão processual da produção de sentidos tal como se deu nos textos jornalísticos ao longo do tempo. Dito de outro modo, para efeito de análise, não partimos de datas ou enunciadores específicos; a historiografia oficial não direcionou o processo de análise em si, apesar de ter sido “importada” para este trabalho e reconfigurada discursivamente sempre que se fez necessário evidenciar a memória discursiva em curso.

Foram percorridos cerca de 1600 jornais microfilmados (de junho de 1912 a dezembro de 1916), procurando e selecionando elementos a serem investigados; neste processo de seleção e organização do material

de pesquisa, não se deu prioridade aos textos e às notícias que trataram os fatos diretamente relacionados à Guerra do Contestado, mas aos textos em que o conteúdo simbólico do jornal representou um convite à interpretação. Para a realização da análise, utilizou-se o referencial teórico da análise de discurso, em diálogo com as teorias do jornalismo, tendo sempre presente as relações entre o texto, o contexto e os outros textos.

A diversidade e a amplitude dos problemas sugeridos por este caso de imprensa, com profundas e inevitáveis ligações com a dimensão histórica da Guerra do Contestado, nos sugeriu possíveis caminhos, que o próprio contato com os jornais acabou recortando e aprofundando. Assim, sem a preocupação de recuperar os acontecimentos do conflito, respeitando a cronologia oficial, procurou-se abordar temáticas relevantes para discutir a construção do conflito nos jornais.

Por este viés, elaborou-se uma leitura do argumento racial nos textos sobre os sertanejos, procuraram-se as marcas do nacionalismo na projeção simbólica dos militares, discutiu-se a religiosidade e demais aspectos contextuais (questão de terras, exploração estrangeira, crítica ao regime político vigente, entre outros) referentes ao momento histórico da guerra, mostrou-se a interferência da disputa pelos limites territoriais entre os estados do Paraná e de Santa Catarina na discursivização do Contestado e, por fim, procurou-se entender o papel do jornalismo no registro e na construção dos fatos históricos. Eis algumas referências que pareceram fundamentais para pensar a comunicação no movimento da história (e vice-versa), com base nos textos do jornal *Diário da Tarde*, conjugados com obras sobre o assunto e entrevistas.

Todas estas temáticas, que se complementam ao longo da pesquisa para oferecer uma leitura do modo como o *Diário da Tarde* tratou os fatos e personagens da Guerra do Contestado, mediando polêmicas e produzindo “estórias” e sentidos, procuraram dar conta das complexas relações existentes entre o campo da mídia e a sociedade, a partir da atuação específica do jornal paranaense na discursivização do cotidiano.

Dada a constatação de que não existe uma única e plena verdade adequada pelas palavras de homens e mulheres, a história – ou o que quer que se entenda pelas análises de histórias – também não pode reivindicar um sentido único. A multiplicidade de sentidos ganha força em interpretações de fatos que melhor conseguem apresentar indícios para entender as maneiras de se contar uma “história”. O jornal, produto e meio de produzir

sentido, ganha importância para entender fatos e momentos que muitas vezes ficaram em janelas da história oficial como prontos e consensuais.

Nesta perspectiva, a pesquisa mostra, paralelamente aos vícios de interpretações históricas oficializadas e cauterizadas no imaginário social, que essa mesma história não apenas contou, mas foi efetivamente escrita pela voz frequente do jornal *Diário da Tarde*, que muito discutiu o confronto. Não se conteve em discutir, como seria de esperar de um meio informativo, mas buscou dar as diretrizes, ora responsabilizando os governos e as forças policiais pelo avanço das forças dos “jagunços”, ora elogiando medidas que tentavam barrar os atos dos adeptos do monge, ora denunciando questões e problemas sociais, ora omitindo-os. Como toda procura que dialoga com incertezas, a pesquisa proporcionou encontrar estratégias discursivas usadas pelo jornal no trabalho informativo sobre a Guerra do Contestado, buscando levantar alguns elementos para uma melhor compreensão do papel do jornalismo no processo de escrita da história.

A investigação e a análise dos discursos mostram a força do dizer/fazer jornalístico acerca dos fatos sobre o conflito. Mas também é preciso perceber que o *Diário da Tarde*, quando informa e aponta o caminho para resolver de vez com o “problema Contestado”, assume um papel importante na produção de uma imagem que passou e entrou para os livros, filmes, manuais escolares e histórias contadas sobre os feitos e heróis da Guerra do Contestado. Afinal, o fazer história pelo dizer jornalístico encontra eco e ressonância nas páginas do periódico.

Não é objetivo deste livro responsabilizar o jornalismo do início do século XX pelo modo como a guerra entrou para a história. Mas não dá para esquecer que, em especial em uma época e em um lugar onde o baixo número de leitores, conjugado a um alto índice de analfabetismo, dificultavam a operacionalidade do jornal como um espaço e campo de debates, o dizer jornalístico “dialogava” com as forças militares, com os intelectuais, políticos e populares que tinham interesse nos destinos do caso Contestado, sem deixar de manifestar a sua voz.

Também não há de se cobrar responsabilidade, por uma leitura parcial dos acontecimentos, aos editores da época. Nem seria intenção dessa pesquisa. Melhor compreender que um produto midiático só é o que é quando encontra espaço, procura a sintonia com o espírito do meio onde é produzido e comercializado, intromete-se no ambiente social ao mesmo tempo em que é conduzido por este. Foi assim com o *Diário da Tarde*, mostra este estudo.

Enfim, o livro não ousa contestar uma imagem construída e marcada no imaginário social da região que compreende hoje os estados do Paraná e de Santa Catarina. Tenta-se apenas entender como essa imagem foi sendo produzida e de que maneira as estratégias do dizer jornalístico do diário curitibano intervieram nesse feito. Pode-se antecipar que estas estratégias do dizer foram se tornando, pelo lugar que o produto jornal ocupava na época, estratégias de um fazer da história articulado a falas, situações e acontecimentos.

Percebe-se ainda que conhecer a história do Contestado é também penetrar em uma luta por direitos que motivou milhares de sertanejos a aspirar por uma sociedade diferente. É neste sentido que “Imagem Contestada” tenta recuperar momentos e posicionamentos dos atores sociais envolvidos no conflito, de modo a desvendar o papel do jornalismo na construção de imagens da realidade, seja dando visibilidade e fazendo ecoar, seja mesmo silenciando fatos e versões. Nas páginas que seguem, encontra-se um diálogo entre a comunicação e a história, na tentativa de remontar alguns fragmentos que permitem fazer uma leitura histórica do jornalismo no caso da Guerra do Contestado.